

Mosteiro de Santa Clara-a-Nova – a arte entre a religião e a cultura.

António Manuel Ribeiro Rebelo
Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos - CECH;
Fac. de Letras da Univ. de Coimbra

Publicado em: *Correio de Coimbra*, 26 de Outubro de 2017, p. 5.

D. João IV mandou construir um imponente Mosteiro para o dedicar a uma sua avó recentemente canonizada. Seria o Mosteiro da Rainha Santa Isabel, destinado à comunidade clarissa.

A monumentalidade majestática de todo o complexo monástico é impressionante, mas nele se consagravam a Deus as filhas de algumas das mais poderosas e nobres famílias do Reino. A sumptuosidade da igreja, a magnificência régia dos claustros, a imponência do edifício em tudo condiziam com a importância que D. João IV pretendia conferir ao monumento que resguardava o corpo incorrupto de Santa Isabel.

Seria ousadia descrever tão inefável beleza dos espaços monásticos, algo que só o espírito consegue gerir. A ligação do Homem com Deus, que o termo re-liquião significa, pode ser expressa por muitas formas. As artes são canais privilegiados para estabelecer essa comunicação. Tudo tem um significado, umas vezes mais explícito, outras vezes mais recôndito e que carece de explicação. Depende também da formação cultural de cada um. A mais pequena representação artística, o mais ínfimo detalhe tem sempre uma história para contar. Um simples santo retratado numa tabuinha representa toda uma história de vida, que merece ser conhecida e que se articula com o contexto geral do espaço em que se encontra, seja na igreja ou no coro alto, por exemplo, e que teve relevância para aquela comunidade de clarissas, pelo menos, em algum momento da sua história centenária. Portanto, todas as imagens representam um texto e um contexto. É nosso dever realizar essa tradução da imagem para o texto que lhe subjaz, para que a fruição do objecto artístico seja completa.

A nova evangelização também passa por esta aparente actividade cultural. Na explicação de um quadro bíblico ou de um passo da vida de um santo, há valores e sentimentos que muito dizem ao ser humano que somos. É uma forma enriquecida de lermos os textos evangélicos ou de nos deixarmos tocar por um exemplo hagiográfico.

É simultaneamente oração contemplativa, pois temos a felicidade de poder desfrutar do talento humano produzido ao longo dos tempos. Ao contemplarmos a beleza palpável dos talentos que Deus soube distribuir, na Sua generosidade e para nosso deleite, a grandes artífices e artistas de séculos passados, beneficiamos desta aprazível sensação, que nos reconforta o espírito, nolo eleva ao absoluto e suscita em nós louvor e graças ao Senhor pela beleza que nos proporciona.

Por outro lado, nestas obras de arte, revemos a nossa longa história, a nossa cultura, a nossa fé, marcos indelévels da civilização ocidental, que alimentam o espírito, conformam a razão, justificam o presente e projectam o futuro.

É nosso dever cuidar desse património, de preservar essa lição de cultura e de fé para as gerações que nos irão suceder. Não o fazer ou descuidar essa obrigação seria um acto de profundo egoísmo da nossa parte. Por isso, o Papa Francisco nos alerta para este dever e para esta preocupação na sua Encíclica *Laudato Si*:

“A par do património natural, encontra-se igualmente ameaçado um património histórico, artístico e cultural. Faz parte da identidade comum de um lugar, servindo de base para construir uma cidade habitável. [...] É preciso integrar a história, a cultura e a arquitectura dum lugar, salvaguardando a sua identidade original. Por isso, a ecologia implica também o cuidado com as riquezas culturais da humanidade, no seu sentido mais amplo.”